



Recebido em: 24/05/2024

Aprovado em: 10/06/2024

Publicado em: 12/07/2024

## UMA INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA-INTERDISCIPLINAR SOBRE A TEORIA DAS PULSÕES ELABORADA POR FREUD

### A PHILOSOPHICAL-INTERDISCIPLINARY INVESTIGATION ON THE THEORY OF TRIEB DEVELOPED BY FREUD

### FILOZOFIA-INTERDISCIPLINA ENKESTO PRI LA TEORIO DE VETILOJ PREPARITA DE FREUD

Iraceles Ishii dos Santos<sup>53</sup>

#### Resumo

É possível expandir a organização da consciência? Essa questão, que baliza a presente investigação, indaga o propósito que Freud (1996) atribui à psicanálise. Neste artigo, pretendemos tomar parte do sentido dessa expansão da organização da consciência ao nos ocupar de um estudo sobre as pulsões num viés filosófico-interdisciplinar. A arte de decifrar o inconsciente levou Freud da suposição de uma instância psíquica mais primitiva, constituída por forças irreduzíveis, às hipóteses que envolvem a teoria das pulsões. Num primeiro momento, apresentamos a genealogia das pulsões e a suposta característica universal das pulsões, a compulsão à repetição, presentes em *Além do princípio de prazer*. Num segundo momento, discutimos os princípios de prazer e de realidade. Por fim, concebemos o conceito de auto-organização aos estudos sobre a teoria das pulsões, na tentativa de compreender possíveis caminhos à proposta psicanalítica de fortalecer do ego, das forças de organização da consciência. Concluimos o presente artigo sugerindo que forças auto-organizadoras atuem na construção da personalidade psíquica. Defendemos que a ideia de uma dinâmica auto-organizadora das forças pulsionais, na perspectiva da complexidade, pode auxiliar a compreensão de uma possível expansão da organização da consciência.

**Palavras-chave:** pulsões, Freud, consciência, auto-organização.

#### Abstract

Is it possible to expand the organization of consciousness? This question, which guides this investigation, questions the purpose that Freud (1996) attributes to psychoanalysis. In this article, we intend to take part in the meaning of this expansion of the

<sup>53</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação pela Unesp de Marília, na área de Filosofia da Educação. Possui mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP (2015). Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina - UEL (2006). Foi integrante do Grupo Acadêmico de Estudos Cognitivos (GAEC-UNESP) e do Grupo Interdisciplinar CLE Auto-Organização (UNICAMP). Atualmente participa do *ENFILO – Grupo de estudos* e pesquisa sobre o ensino de filosofia (UNESP). Possui interesse no estudo de modelos naturais, como estudo de organismos complexos como os fungos, para resolução de problemas numa perspectiva não antropocêntrica de mundo. E-mail: iraceles.santos@unesp.br



organization of consciousness by studying drives in a philosophical-interdisciplinary perspective. The art of deciphering the unconscious led Freud from the assumption of a more primitive psychic instance, constituted by irreducible forces, to the hypotheses involving the theory of drives. Firstly, we present the genealogy of drives and the supposed universal characteristic of drives, the compulsion to repeat. Secondly, we discuss the principles of pleasure and reality. Finally, we conceive the concept of self-organization in studies on the theory of drives, in an attempt to understand possible paths to the psychoanalytic proposal to strengthen the ego, the organizational forces of consciousness. We conclude this article by suggesting that self-organizing forces act in the construction of psychic personality. We argue that the idea of a self-organizing dynamic of instinctual forces, from the perspective of complexity, can help to understand a possible expansion of the organization of consciousness.

**Keywords:** drives, Freud, consciousness, self-organization.

### Resumo

Ĉu eblas vastigi la organizon de la konscio? Tiu ĉi demando, kiu gvidas ĉi tiun esploron, pridubas la celon, kiun Freud (1996) atribuas al psikanalizo. En ĉi tiu artikolo, ni intencas partopreni en la signifo de ĉi tiu ekspansio de la organizo de konscio studante veturadojn en filozofia-interfaka perspektivo. La arto deĉifri la senkonscion kondukis Freud de la supozo de pli primitiva psika kazo, konsistigita de neredukteblaj fortoj, al la hipotezoj implikantaj la teorion de movoj. Unue, ni prezentas la genealogion de impulsoj kaj la supozebla universala karakterizaĵo de impulsoj, la devigo ripeti, ĉeestanta en *Beyond the Pleasure Principle*. Due, ni diskutas la principojn de plezuro kaj realeco. Fine, ni konceptas la koncepton de mem-organizado en studoj pri la teorio de impulsoj, en provo kompreni eblajn vojojn al la psikanaliza propono plifortigi la egoon, la organizajn fortojn de la konscio. Ni finas ĉi tiun artikolon sugestante, ke mem-organizaj fortoj agas en la konstruado de psika personeco. Ni argumentas, ke la ideo de mem-organiza dinamiko de instinktaj fortoj, el la perspektivo de komplekseco, povas helpi kompreni eblan ekspansion de la organizo de la konscio.

**Ŝlosilvortoj:** veturadoj, Freud, konscio, memorganizo.

### INTRODUÇÃO

É possível expandir a organização da consciência? Essa questão, que baliza a presente investigação, indaga o propósito atribuído por Freud (1996) à psicanálise. Na *Conferência XXI: A disseção da personalidade psíquica*, Freud atribui à psicanálise o propósito de fortalecer o ego, tornando-o mais independente das forças repressoras do superego e ampliando seu campo de consciência de partes do id, numa expansão de sua organização. Neste artigo, pretendemos tomar parte do sentido dessa expansão da organização da consciência ao nos ocupar de um estudo sobre as pulsões num viés filosófico-interdisciplinar.



O imenso golfo Zuiderzee, mencionado por Freud na última linha da *Conferência XXXI*, apareceu em 1282 quando o mar avançou sobre mais de trezentos mil hectares de terra firme, num grande acesso de furor sobre terras que ficaram perdidas, ao encontro do lago Flevo na Holanda. No século XX, os holandeses empreenderam o trabalho de retomada do território perdido, construindo o dique Afsluitdijk, polders e toda uma estrutura que incorpora bases que contenham e suportem o movimento das águas.

Segundo Freud (1996, p. 84) o propósito da psicanálise não é diferente dessa empreitada dos holandeses. *Onde está o mar, ali estará a terra. Onde estava o id, ali estará o ego*. Por esse motivo, acreditamos que sua investigação tenha se encaminhado na construção de hipóteses para compreensão da força, da direção e mesmo da origem do que compreendemos como pulsões.

Os engenheiros da empreitada holandesa não conseguiriam os bons resultados que têm obtido se não tivessem construído uma estrutura que se incorporasse ao movimento das águas. Da mesma forma, não seria possível fortalecer o ego, sem que se suponha a força do id. A instância psíquica id parece fornecer uma possibilidade de um conhecimento mais profundo e amplo de mundo do que as percepções conscientes.

As dificuldades que rondam o estudo das pulsões na teoria psicanalítica não se dão por acaso, seu significado se dá na fronteira dos conhecimentos disciplinares. As pulsões são consideradas por Freud (FREUD, 2006, p. 158) como o mais importante e obscuro objeto da psicanálise. Freud, ao optar por esse termo, teria criado caminhos em sua investigação à biologia ou à própria filosofia; numa reflexão em termos não somente psíquicos, mas fisiológicos, biológicos e filosóficos. Temos a dimensão de que os estudos sobre as pulsões conduzem a uma reflexão especulativa, uma vez que suscita reflexões sobre o sentido ou sobre o fluxo da vida.

A proposta da interdisciplinaridade parece se ajustar metodologicamente ao trabalho realizado por Freud, que lança mão em sua teoria de explicações de diversas civilizações, que se apoiam tanto no mito como na ciência. A teoria da complexidade fornece novos olhares às questões filosóficas, e conduz a uma relação de complementaridade entre os saberes filosóficos e os saberes científicos.



Expomos a teoria das pulsões elaborada por Freud em *Além do princípio de Prazer* para uma tentativa de resposta à questão inicial, uma compreensão da expansão da organização da consciência a partir do conceito de auto-organização. O presente artigo se encontra dividido em quatro seções. Na primeira seção, discorremos sobre a suposta característica universal das pulsões, a compulsão à repetição, e sobre a genealogia das pulsões encontradas em *Além do princípio de prazer*. Na segunda seção, discutimos os princípios de prazer, de constância e de nirvana. Na terceira seção, concebemos os estudos sobre a auto-organização para realizar uma leitura sobre a teoria das pulsões, na tentativa de compreender possíveis caminhos à proposta psicanalítica de fortalecer do ego, das forças de organização da consciência.

Antecipamos que concluímos o presente artigo sugerindo que forças auto-organizadoras atuem na construção da personalidade psíquica, sobretudo entre as instancias id e ego. Defendemos que a ideia de uma compreensão da dinâmica auto-organizadora das forças pulsionais, no sentido freudiano, pode auxiliar e explicitar melhor o processo de uma possível ampliação da organização da consciência.

## **A GENEALOGIA DAS PULSÕES E A COMPULSÃO À REPETIÇÃO**

Em 1920, na obra *Além do princípio de prazer*, Freud apresenta um estudo filogenético do conceito de pulsões, fornecendo uma explicação do desenvolvimento de organismos mais elementares, sem individuação, por meio de conflitos pulsionais. Em 1932 na *Conferência XXXI*, a região psíquica mais primitiva, o id, passa a ser concebida por Freud como o polo pulsional donde emanam os conflitos pulsionais que fornecem a energia para as organizações que estruturam a personalidade psíquica.

Em *Além do princípio de prazer*, Freud apresenta uma reformulação de sua teoria das pulsões. As pulsões do ego, antes assimiladas às pulsões de autoconservação, e as pulsões sexuais, antes assimiladas às pulsões de conservação da espécie, deixam de ser o centro dos conflitos pulsionais. Na reformulação da teoria das pulsões, apresentada em *Além do princípio de prazer*, o esquema explicativo dos conflitos pulsionais tem como confronto central as pulsões de vida e as supostas pulsões de morte.

Segundo Freud (2006, p. 161-162) “as propriedades da vida devem ter sido despertadas na matéria inanimada por uma ação de forças que ainda não conseguimos



imaginar”, o mesmo processo em que ele crê ter surgido a consciência. A hipótese de Freud é que dessa tensão gerada numa matéria inanimada tenha dado origem as primeiras pulsões do organismo. A busca pelo distensionamento é o nascimento da primeira pulsão de retorno ao inanimado (FREUD, 2006, p. 162). Esse jogo de forças externas e internas prolongou o percurso original da vida dessa substância indistinta que passa a realizar crescentes desvios para alcançar seu objetivo final de retorno ao inanimado.

As células germinativas, que carregam as disposições e as tendências pulsionais de formas antepassadas e adquiridas, são conduzidas em parte à morte, e em outra a continuar gerando outras vidas. Tais células germinativas expressam a força das pulsões sexuais, ou pulsões de vida, que emanam do ser individual (Cf. FREUD, 2006, p. 163). Há, assim, dois grupos de pulsões, um que tem por função conduzir à morte e outro que prolonga a vida.

A concepção de uma pulsão de vida presente nos primeiros organismos leva Freud a ampliar o sentido de sexualidade. Pois, nessa hipótese, as pulsões sexuais teriam surgido antes mesmo das distinções entre os sexos.

Através da hipótese filogenética, a teoria psicanalítica da libido é transposta para a interação entre as células. Essa hipótese apresenta uma mudança do plano psíquico ao biológico ou mesmo filosófico à teoria de Freud sobre as pulsões. Em *Além do princípio de prazer* encontramos uma investigação especulativa sobre a relação de sua teoria das pulsões com um princípio sob o qual se originam os processos vitais (o que nos permitiu aproximar a teorias das pulsões com o princípio da auto-organização).

Pela teoria das pulsões de Freud, compreendemos que a concepção linear da história evolutiva dos organismos é substituída por uma concepção circular da história de conflitos que impulsionam a vida e também a morte. O desenvolvimento é composto de evoluções e involuções que fornecem uma circularidade, regressiva e progressiva, no percurso dos organismos vivos. A força impelente a seguir adiante é alimentada pela diferença entre a satisfação obtida e o prazer esperado que, para Freud (2006, p. 165), faz com o organismo não se estacione em nenhuma das situações estabelecidas. Conclui ele (FREUD, 2006, p. 165), que o “anseio de Eros, de agregar a substância orgânica em



unidades cada vez maiores”, é o que se equivocadamente compreende como pulsão ao progresso.

As principais mudanças teóricas de *Além do princípio de prazer* são reflexos da suposição de um caráter universal das pulsões, a compulsão à repetição. Antes de expor sobre essa suposta característica universal das pulsões, Freud (2006, p. 139-143) apresenta uma análise sobre as neuroses traumáticas e sobre um comportamento de crianças manifesto em brincadeiras da primeira infância. Esses dois estudos servem de pistas à identificação de uma compulsão à repetição.

De acordo com Freud (2006, p. 139-140), os estudos das denominadas neuroses traumáticas foram cruciais para a uma revisão na leitura comumente feita das afecções, na defesa de doenças psíquicas. As lesões orgânicas do sistema nervoso não poderiam ser compreendidas como geradas única e principalmente por uma ação violenta de força mecânica, mas como acúmulo de tensões psíquicas no organismo. Freud supõe que uma das causas das neuroses traumáticas seja o fator surpresa, o susto de entrar em situação de perigo sem estar preparado, influenciando sobre um acúmulo de tensões desagradáveis no organismo.

Os pacientes que sofreram situações traumáticas, segundo Freud, demonstram uma compulsão por repetir as experiências tão dolorosas que estiveram submetidos acidentalmente. Na psicologia dos processos oníricos da teoria psicanalítica, os sonhos são compreendidos como manifestação de desejos. Pois, por meio dos sonhos, observou-se que os pacientes encontravam uma forma de reviver sua infância e as moções pulsionais que a dominaram. Contudo, Freud observou que indivíduos que sofrem neuroses traumáticas (de guerra, por exemplo) revivem constantemente nos sonhos as situações que causaram o trauma. Levando-o a supor existirem forças de outra natureza, tendências distintas das que até então havia conjecturado.

Outro caso da manifestação de uma compulsão à repetição foi observado por Freud (2006, p. 140-143) no comportamento de crianças em seus primeiros anos de infância. Observou ele que uma dada criança se entretinha com entusiasmo em lançar, para longe de sua vista, objetos que eram de sua estima, e resgatá-los em seguida. Freud salienta, aqui, a semelhança dessa brincadeira com uma experiência traumática do universo infantil, a separação da figura materna. No caso observado por Freud, a mesma



criança que se entretinha ao lançar para longe objetos queridos, *parecia* não sofrer quando sua mãe, fonte geradora de alimento e carinho, saía para trabalhar.

A repetição de uma experiência traumática poderia ser compreendida como uma tentativa de controle da situação. A criança ao repetir a experiência da falta do objeto de desejo, estaria em busca do controle e diminuição da dor da perda. Contudo, esse motivo teria surgido posteriormente. A ação de repetir pela brincadeira a experiência de perda seria uma repetição movida por uma força impelente não explorada.

Sobre a natureza dessa força impelente e sua relação entre o que é pulsional, questiona Freud (2006, p. 160) no trecho reproduzido abaixo:

Mas, então, qual é a natureza da relação entre o que é pulsional e a compulsão a repetir [Zwang zur Wiederholung]? Nesta altura, talvez estejamos na pista certa para encontrar uma característica universal das pulsões – ou até mesmo da vida orgânica em geral – a qual creio que até hoje ainda não foi claramente reconhecida ou pelo menos não devidamente destacada. Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente [Drang] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia na vida orgânica.

As afirmações do trecho acima marcam mudanças na teoria das pulsões de Freud. A compulsão a repetir seria a manifestação da vida dos organismos.

Em *Além do princípio de Prazer* são apresentadas especulações psicanalíticas que partem da ideia de que a consciência não é o atributo mais universal dos processos psíquicos, e nos fornecem uma investigação sobre a natureza das pulsões e sua origem na região mais profunda do aparelho psíquico. A consciência, segundo Freud (2006, p.149 – 150), se revela com a percepção das excitações externas e das sensações de prazer e desprazer providas do interior do organismo. Expandir a organização da consciência é poder organizar experiências traumáticas e poder minimizar seus estragos.

Com base nos estudos de Breuer, Freud chega à conclusão de que os impulsos provenientes das pulsões operam com energia livre e móvel. Por meio da análise dos sonhos, Freud (2006, p. 158) observou que os processos do sistema inconsciente – que denominou de processos psíquicos primários – são facilmente transmitidos, deslocados e condensados de modo integral. No sistema consciente os processos psíquicos, denominados de secundários, apresentam-se como cargas presas de investimento. A



função do aparelho psíquico seria processar e enlaçar a energia livre, evitando uma perturbação similar a neurose traumática de sobrecarga energética. O princípio de prazer estabelece seu domínio irrestrito por meio de uma modificação, quando ocorre esse enlaçamento da energia livre dos processos psíquicos primários. O enlaçamento da energia livre dos processos psíquicos seria atribuição de sentido das forças organizadoras da consciência.

Sobre os processos psíquicos inconscientes, ou processos psíquicos primários, Freud (2006, p. 152) argumenta que:

Sabemos que os processos psíquicos inconscientes são “atemporais”. Isso significa, em primeiro lugar, que o tempo não os submete a nenhuma modificação e que a ideia de tempo não pode ser aplicada a eles. Estas são, contudo, características negativas que só poderão ser entendidas com clareza se as compararmos com os processos psíquicos conscientes.

A atemporalidade dos processos psíquicos inconscientes manifesta-se pela *compulsão a repetir* que parece se contrapor ao princípio de prazer. A *compulsão a repetir* é a descrição do comportamento dos pacientes que demonstravam uma forte tendência a reviver e reproduzir no presente as experiências do passado, os fatos marcantes da infância, como se o tempo não tivesse transcorrido.

Aliada aos processos de transferência, uma compulsão a repetir é engendrada somente por meio dessa energia livre, não enlaçada, dos processos psíquicos primários (FREUD, 2006, p. 159-160):

O doente, nesse caso, age de maneira completamente infantil e assim nos revela que os traços recalcados de lembranças de suas primeiras experiências psíquicas não estão disponíveis em estado de enlaçamento e fixados [*gebundenen*]; assim, até certo ponto, esses traços estão incapacitados a operar no processo secundário. É também graças a essa ausência de enlaçamento que os traços de lembranças arcaicas têm a capacidade de aderir aos restos diurnos e formar uma fantasia de desejo a ser representada no sonho. Aliás, essa mesma compulsão à repetição sempre surgirá como um obstáculo terapêutico ao final do tratamento, justamente quando queremos conseguir que o paciente se desligue por completo do médico.

A atividade da consciência explica-se no esforço em organizar os processos psíquicos primários, em fornecer a esses justificados motivos, atribuindo uma sequência temporal e uma ordem espacial aos traços de lembranças recalcados.



Mas, como afirmado no trecho acima, há sempre um retorno de manifestações da compulsão à repetição nos pacientes em tratamento. Esse retorno leva Freud a supor a grande força com que os processos psíquicos inconscientes são reprimidos ou incapacitados de serem transformados totalmente em processos conscientes por sua natureza tão indefinível.

Como exemplos na natureza à compreensão da compulsão a repetir, Freud menciona o desenvolvimento de embriões de animais que seguem no desenvolvimento todas estruturas, não mais necessárias, de que descendem até chegar a sua forma final; peixes que na época da desova procuram moradas anteriores muito distantes para depositar os ovos; e, da mesma forma, aves migratórias que também viajam em busca de seu nicho anterior. Ou seja, haveria uma suposta força impelente no organismo vivo que visa restabelecer um estado anterior. A duração da vida dos organismos passa a ser compreendida, por Freud (2006, p. 160), como um prolongamento, um desvio tortuoso, creditado às forças perturbadoras do meio, que dão origem a toda evolução orgânica.

Segundo a hipótese filogenética de Freud, os primeiros sistemas vivos alcançavam sua finalidade, de retorno ao inorgânico, de forma simples e rápida. Mas, num dado momento, as condições externas desviaram os primeiros organismos de seu percurso. As pulsões de vida, diante as adversidades externas, impeliriam os primeiros sistemas à conservação da vida. Em função da pulsão de morte, as pulsões sexuais lutariam contra as forças externas que impedem o organismo a retornar ao inorgânico por conta própria.

A coexistência de distintos organismos vivos é a suposta causa da emergência da vida, ou melhor, são os conflitos com o mundo perceptível externo que movem os organismos vivos às forças evolutivas. A vida é produto desses encontros, dos desvios tortuosos de um desenvolvimento não previsto, que não residia em potência nos organismos. Pois, nessa compreensão proposta por Freud, os organismos tendem a busca pelo inanimado, ou ainda, como compreendemos, pelo esvaziamento das tensões – o vazio – e depois pelo nada.

A seguir, desenvolvemos os argumentos de Freud sobre os princípios que supostamente regem o aparelho psíquicos e os organismos vivos.



## OS PRINCÍPIOS DE PRAZER E REALIDADE

De acordo com Freud (2006, p. 135) há um inevitável acúmulo de tensões no organismo que geram sensações desagradáveis e impõem a necessidade de um descarregamento. O alívio dessa tensão, ou a ação de evitar esse acúmulo, é a tendência presente no aparelho psíquico ao princípio prazer. Segundo Freud (2006, p. 135-136):

Em psicanálise, relacionamos prazer e desprazer com a quantidade de excitação presente na vida psíquica – quantidade que de alguma maneira não está presa [gebunden] –, de modo que nessa relação o desprazer corresponderia a um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade. Não se trata todavia de uma relação simples entre a intensidade das sensações e as modificações às quais elas correspondem. Tampouco podemos – após todas experiências da psicofisiologia – conceber essa relação como sendo diretamente proporcional. É provável que o fato decisivo para formar uma sensação seja a magnitude de redução ou aumento da excitação durante certo espaço de tempo.

O desprazer compreenderia o *aumento* da quantidade de excitação das cargas de energia livre, caracterizada nos processos psíquicos primários, e o prazer, a *diminuição* dessa quantidade de tensão no organismo. A quantidade não é em si mesma o fator determinante, mas, como Freud afirma acima, a magnitude de redução ou aumento da excitação. Pois, segundo Freud, há casos em que o possível acúmulo de tensões no organismo pode ser percebido como prazeroso pelo indivíduo.

Na suposta história filogenética, apresentada por Freud (2006, p. 137), ocorre uma transformação na tendência ao princípio de prazer em adequação às forças autoconservadoras e à realidade externa. A transformação ocorrida, explicita ele (FREUD, 2006, p. 137), impõe “um longo desvio que implica a postergação de uma satisfação imediata, bem como a renúncia às diversas possibilidades de consegui-la, e a tolerância provisória ao desprazer”. Essa modificação do princípio de prazer consiste numa adaptação necessária em relação a realidade, que impõem uma tolerância ao desprazer para obtenção do prazer, e, por isso, é denominada de princípio de realidade.

Contudo, a postergação da satisfação imediata, imposta pelo princípio de realidade, libera uma segunda fonte de desprazer dos conflitos e clivagens “próprio ao processo desenvolvimento do eu em direção a organizações psíquicas mais complexas” (FREUD, 2006, p. 138). A não constituição de relações de dependência entre os



princípios de prazer e de realidade pode ocasionar prejuízos, ao organismo, maiores do que o não descarregamento da tensão desprazerosa.

O inevitável acúmulo de tensões que leva o indivíduo a obtenção de prazer, influi na manutenção do nível de produção da tensão tão baixa quanto possível ou no mínimo constante, ou seja, uma tendência à estabilidade (FREUD, 2006, p. 136). O princípio de constância, para Freud, não pode ser ignorado sem prejuízos a compreensão dos processos psíquicos. A intrincada relação entre o acúmulo de tensões do organismo e seu descarregamento são regidos pelo princípio de prazer e governados pelo princípio de constância. Pois, a manutenção da quantidade de excitação tão baixa quanto possível ou, no mínimo, constante, é o trabalho a que o aparelho psíquico dedica suas forças para evitar o desprazer. O princípio de constância fornece uma arquitetura sustentável aos propósitos do princípio de prazer.

Mas nesse processo dinâmico operam também outras forças, que tendem à estabilidade total ou equilíbrio absoluto do organismo. Complexificando, assim, o jogo entre instabilidades e estabilidades presentes no organismo vivo, que caracteriza os sistemas abertos de não-equilíbrio. Ou seja, organismos que estão em constante troca com o meio externo e que conseguem a estabilidade através da dinamicidade. Por isso, não-equilíbrio. Uma vez que as variações é que possibilitam a sobrevivência do organismo diante o jogo de tensões. A tendência descrita pelo princípio de prazer e de seu assistente, o princípio de realidade, se contrapõem, em certa medida, à essa força que conduz o organismo ao equilíbrio absoluto e encaminham a um equilíbrio no sentido dinâmico.

Vimos nesta seção, que as sensações de prazer e desprazer estão possivelmente relacionadas a certas tendências em que se compreendem os princípios de prazer e de realidade. Contudo, na teoria freudiana o princípio de prazer permanece como um *vigia* das tendências do organismo. Na próxima seção, a partir da perspectiva do pensamento complexo buscamos utilizar o conceito de auto-organização para compreender a possibilidade de expansão das forças organizadoras da consciência.



## AUTO-ORGANIZAÇÃO E A TEORIA DAS PULSÕES

O projeto de retomada do território na Holanda iniciou-se com a construção do imenso dique Afsluitdijk, que possui complexos de esclusas em seus extremos. Essas esclusas, além de permitirem a passagem de barcos, operam na evacuação e contenção das águas do Zuiderzee. Após a construção do dique, e mesmo durante, empreendeu-se a construção de polders, terrenos alagáveis para agricultura e moradia. O risco de uma catástrofe e perda do território é sempre constante. A comparação de Freud do Zuiderzee ao id, não é por acaso.

Se considerarmos o grande número de pessoas consideradas *sadias*, poderíamos concluir que os esforços do ego têm obtido grande êxito. Pois, compreendemos que as forças organizadoras do ego atuam na percepção do organismo de si e do seu meio. Mas, se considerarmos a situação de crise social, econômica, ambiental e política que observamos no mundo e a cegueira coletiva da maior parte da população, que não consegue conceber o momento presente; nosso juízo sobre a situação seria outro. Retrocederíamos no julgamento e concordaríamos que as forças organizadoras do ego não têm obtido tanto êxito, e que a duras penas têm conseguido manter uma situação razoável.

A luta constante dos holandeses na contenção do mar é comparável ao esforço empreendido pelo ego na organização dos processos psíquicos originários do id. A proposta de fortalecer o ego não se distancia da possibilidade de fracasso presente no empreendimento dos holandeses. A força e o movimento das águas do mar são de difícil previsão, tal e qual é a força e a natureza do id. A tentativa de Freud de desvelar a força impelente das profundezas psíquicas, e de compreender as tendências que a regem, constitui um esforço na retomada desse *território* psíquico.

A concepção de que forças cegas regeriam o id compreende uma das escalas de abordagem: o olhar sobre a desordem. O desafio do pensamento complexo impõe compreender as diversas camadas que compõe a realidade, pela multiplicidade de olhares entre ordem e desordem. As mudanças e reformulações teóricas do esquema do aparelho psíquico e da teoria das pulsões, ao atribuírem sentido a essas forças psíquicas, procederiam na tentativa de compreensão dos conteúdos, ou forma de operação, desse sistema inconsciente.



A expansão da organização da consciência não pode ser confundida com o tipo de controle exercido pelo superego, definido por Freud em 1932, que consiste na cristalização de um rigoroso sistema de controle das ações. Da mesma forma, se o projeto Zuiderzee, de retomadas das terras, se estruturasse na crença desse tipo de controle sobre as águas do mar, logo, obteria grande fracasso.

Os passos tomados na construção do método psicanalítico, sobre a arte de decifrar o inconsciente, podem ser concebidos como indícios da importância de um processo auto-organizado. Com base no relato de Freud (2006, p. 144), constatamos que a arte de desvelar o recalcado precisou ser construída em uma relação colaborativa entre analista e paciente, sem a imposição da interpretação do analista sobre o paciente. Interpretamos que essa relação não pode consistir numa relação de imposição e controle, mas numa relação com características semelhantes ao processo da auto-organização. Da mesma forma, o desvelamento do que é inconsciente parece consistir sobre o mesmo tipo de relação que é construída entre o médico e o paciente.

Em comparação as dificuldades encontradas por Freud na clínica, a resistência do paciente, temos que a força impelente de uma compulsão à repetição, de retorno ao inorgânico, é um dos empecilhos a possibilidade da auto-organização. A força de uma compulsão a repetir experiências que foram traumáticas, por exemplo, impede a transformação dos processos psíquicos primários em secundários. O aprisionamento às situações traumáticas do passado impossibilita que ocorram relações espontâneas, a emergência do novo, tornando o indivíduo cego a realidade presente e preso a um tempo passado.

As forças que movem o retorno ao estado inorgânico são contrárias as forças que movem à auto-organização. Uma vez que os processos auto-organizados são utilizados para explicação da emergência da vida, da manutenção dos processos vitais. Em certo sentido, poderíamos associar as forças auto-organizadoras com as forças agregadoras da pulsão de vida, e as forças que movem ao retorno do estado inorgânico, como entropia. A auto-organização é o processo que descreve o que ocorre quando há pulsão de vida, o impulso que orienta o encontro com outros elementos e propicia os processos vitais. Por outro lado, a pulsão de retorno ao estado inorgânico conduz ao isolamento, à morte, à entropia.



A renovação energética propiciada pelas pulsões de vida pode ser compreendida, através do princípio de auto-organização, como produto do encontro de elementos distintos que se desvinculam de uma história passada e constroem novas relações.

Em uma analogia com a segunda lei da termodinâmica, supomos que as forças desagregadoras da pulsão de morte, que conduzem ao isolamento, corresponderiam com o aumento da desordem ou entropia. Em outros termos, a homogeneidade homeostática pode servir como caracterização dos processos psíquicos primários ou inconscientes. Fornecendo-nos a concepção de que os processos psíquicos secundários ou conscientes corresponderia a heterogeneidade homeostática. A aniquilação do ego e a total expansão do id é o retorno da suposta forma primitiva do aparelho psíquico e o caminho para extinção total das tensões do organismo, a morte.

De acordo com a interpretação de Atlan (1967, p. 27-35) sobre a segunda lei da termodinâmica, a matéria nunca se deixa ordenar por completo. A organização que observamos os sistemas vivos mantém-se pela energia gerada da desordem atômica. Da mesma forma, a expansão da organização da consciência obtém como fonte energética os processos psíquicos primários, a desordem do id. A organização almejada é sempre parcial. Há um processo dinâmico fruto do conflito entre pulsão de vida e de morte, bem como entre as instâncias psíquicas do ego e do id, tal e qual entre ordem e desordem, que propiciam a própria manutenção do sistema.

Mas como se daria a expansão da organização da consciência? Para retomada do território perdido, o projeto Zuiderzee empreendeu a construção do Afsluitdijk, que isolou o território tomado pelas águas do restante do mar. Nesse sítio foram construídos polders, as planícies submersas para agricultura e povoamento. Em comparação com a retomada do território pelos holandeses, a psicanálise opera pelo recorte de lembranças traumáticas, o território a ser reconquistado, e a construção de *polders*, o desvelamento do recalco e a atribuição de sentido. O período da infância é o território perdido a ser reconquistado pelo método psicanalítico.

Na atribuição de sentido são utilizadas como ferramentas: as metáforas, os mitos, a própria teoria das pulsões e outras ferramentas interpretativas que possam servir ao enlaçamento da energia livre, que compõe o id. Todo sentido atribuído às sensações desagradáveis, geradas pelo acúmulo de energia não enlaçada, possui



realidade na medida em que é aceito como crença. Para o êxito desse processo, a explicação cumpre um papel de organizadoras das experiências.

A expansão da organização da consciência não é a expansão de uma determinada função em que temos fundamentado a racionalidade lógica. O produto da relação auto-organizada entre ego e id, como compreendemos, propõe um conhecimento mais complexo sobre a realidade, que parece admitir outras relações, ao que parece, pouco exploradas. A instância psíquica id seria a região mental que não possui contato algum com a realidade perceptível externa. As categorias do conhecimento provindas da sensibilidade ou percepção, que fornecem a noção de tempo e espaço, não se aplicam ao id. Da mesma forma, concebe Freud (1996, p. 78), nem as leis lógicas e, sobretudo, o princípio da não-contradição.

A consciência se divide em numerosas funções, a percepção não é seu único atributo. O conhecimento de argumentos lógicos dedutivos e indutivos, submetidos ao crivo das categorias de tempo e espaço, constituem o aprimoramento do produto dessa parte específica da consciência, denominada de sistema *Pcp-Cs*. Mas não constitui o único caminho para o desenvolvimento da consciência. Nesse sentido, sugerimos que a compreensão de uma dinâmica auto-organizadora entre os processos psíquicos das instâncias ego e id, encaminhariam ao entendimento desse desenvolvimento da consciência.

Segundo Debrun (2009, p. 63):

Há auto-organização cada vez que, a partir de um encontro entre elementos realmente (e não analiticamente) distintos, desenvolve-se uma interação sem supervisor (ou sem supervisor onipotente) – interação essa que leva eventualmente à constituição de uma “forma” ou à reestruturação, por “complexificação”, de uma forma já existente.

O processo auto-organizado é o encontro de elementos realmente distintos que possui, a partir desse encontro, a força de romper com a memória de centros de controle anteriores e de produzir interações que promovam a manutenção do sistema. E, assim, construir a condicionalidade dos elementos num espaço produto de possibilidades.

Segundo Debrun (2009), na auto-organização secundária é eminente o risco de uma hetero-organização. As partes semi-distintas poderiam se cristalizar e as interações e relações de dependência se extinguirem. A personalidade psíquica estaria entre a possibilidade de continuar os processos da auto-organização ou de se transformar (o que



mais facilmente ocorre) em uma hetero-organização. Os seus elementos – id, ego e superego – podem romper com as relações de dependência e se cristalizarem; possibilitando que uma das instâncias psíquicas exerça sobre a outra uma relação de comando.

Segundo Debrun (2009, p. 68):

Haveria cisão entre um Ego organizador e um Ego organizado, alheio ao primeiro. A auto-organização absoluta de um sujeito por ele mesmo, que se afigura aos olhos de muitos como a maximização da auto-organização, viraria hetero-organização absoluta. A auto-organização só existe como tal enquanto imperfeita. Ou melhor, enquanto não houver uma “maximização” do sujeito auto-organizador.

Se do encontro das instâncias psíquicas emerge uma pulsão agregadora de vida, ou como supomos, o princípio da auto-organização, nunca sabemos o que realmente surgirá. Mas, sabemos o que não poderá surgir por meio de tais forças, isto é, um ego organizado. Ou ainda, o comando autoritário de qualquer instância sobre a personalidade psíquica não constitui um processo auto-organizado. A auto-organização na personalidade consiste sempre em um produto inacabado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A personalidade psíquica descrita por Freud (1996) pode ser concebida com um sistema contendo outros subsistemas, as instâncias psíquicas: id, ego e superego. Supomos que o ego concebido em suas numerosas funções pode ser descrito como um processo da auto-organização. Por meio da explicação topográfica de Freud, podemos conceber o ego como um produto emergente da personalidade psíquica.

Propomos conceber o sistema da personalidade psíquica proposta por Freud com um processo da auto-organização. Em outros termos, como o encontro de elementos que se tornaram distintos, que constituem relações de dependência e são geridos pela força da endocausalidade. Sugerimos, mais especificamente, que o sistema da personalidade psíquica poderia ser compreendido por meio do processo da auto-organização secundária. Uma vez que existam elementos de caráter central.

A questão inicial deste artigo, a saber: “é possível expandir a organização da consciência?”, passa a ser compreendida como: “é possível expandir as forças auto-organizadoras do sistema psíquico?”. A proposta de expansão das forças auto-



organizadoras da *consciência* compreende a consciência enquanto qualidade psíquica em potencial, e não como sistema psíquico.

Compreendemos a personalidade psíquica como um processo auto-organizado, que opera por meio de uma ação coletiva complexa, com processamentos psíquicos sofisticados, de estabilidade e adequabilidade entre os fluxos das tensões internas e dos estímulos externos. Ou ainda, concluímos o presente artigo com a defesa da personalidade psíquica como um processo em potencial da auto-organização, por meio da constituição de relações de dependência entre as instâncias psíquicas, sobretudo entre ego e id. Assim, o ego em operação com o id, teria algum acesso às supostas forças em aberto que atuam no id.

## REFERÊNCIAS

ATLAN, H. **Entre o cristal e a fumaça**: ensaio sobre a organização do ser vivo. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

DEBRUN, M. A Ideia de auto-organização. In: D'OTTAVIANO, I. M. L., GONZALEZ, M. E. Q. (orgs.). **Michel Debrun: brazilian national identity and self-organization: identidade nacional brasileira e auto organização**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1987.

FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Coord. da Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica**. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KELSO, J.A.S.; HAKEN, H. Novas leis antecipáveis no organismo: a sinérgica do cérebro e do comportamento. In: MURPHY, M.P.; O'NEILL, L.A.J. (Eds.). **O que é vida? 50 anos depois: especulações sobre o futuro da biologia**. São Paulo: EDUNESP, 1997.

MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação  
filosófica, científica e tecnológica.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2010.

SCHRÖDINGER, E. **O que é vida? O aspecto da célula viva**. Trad. Jesus de Paula Assis e Vega Yukie Kuwajima de Paula Assis. São Paulo: EDUNESP, 1997.